

ORACAM ¹⁹⁹⁸

LVCTVOSA ^{Col. 6}

EM AS HONRAS.

QUE FEZ O REAL CONVENTO ^{R 6}
de N. Senhora do Carmo de Lisboa ²¹⁷⁹⁹

A Serenissima Infanta de Portugal

D. IOANNA

Sesta feira 28. de Nouembro de 1653.

OFFERECIDA

A MAGESTADE DEL RET

D. IOAN O QUARTO N. S.

ORADOR O P. FR. MANOEL DAS CHAGAS.



Com todas as licenças necessarias.

LISBOA. Na Officina Craesbeeckiana. Anno 1654.



O MO os soldados de V. Magestade estão em perpetuas sentinellas em suas guaritas vigiando os assaltos do inimigo, para sahirem a campo cõtra elle a fazer as proezas, que costumão: assim eu quã no recanto desta cella solicito saber as acções do Reyno, para sahir com meus papeis na paz, como os soldados com as armas na guerra. Ia sahi a luz com hum Sermaõ da felice Acclamação de V. Magestade, depois com hum Canticò gratulatorio ao Assacnio não effetuado: logo com hũa Canção Lyrica ao nascimento do Serenissimo Infante Dom Pedro: tambem fiz hũa Elegia à morte do Infante Dom Duarte: Ultimamente hũs Threnos funeraes ao Serenissimo Principe Dom Theodosio. Agora offereço esta Oração luctuosa, com a qual do pulpito em nome de todos manifestei o affecto amoroso, que deue-

1101. *Real Magestade*, seja servido de passar por
ella os olhos, que será o mais felice premio, que
poderám ter meus desuellos: & direi, como ou-
trem disse: *Dum iacet ad plantas, altior esse*
nequit.

De V. Real Magestade humilde seruo

Fr. Manoel das Chagas.

illius propter hoc properauit educere illam de medio iniquitatum. 1102

Sapientiae cap. 4.



Estas honras funerâs, neste triumpho luétuoso, com o qual este Real Cõuento se desempenha em celebrar a fama postuma da Serenissima Infanta Ioanna; ficando por minha cõta esta Oraçãõ funebre, me vali daquellas palavras, q̃ a diuina Sabedoria diz em seu cap. 4. aõde falando acerca de hũa alma, q̃ cõ seus procedimentos, & virtudes lhe agradou, a tirou do trafego, inquietações, & tumultos deste mũdo, ao qual chama Theatro de maldades. *De medio iniquitatu.* Este bẽ lhe fez por lhe ser aquella alma agradauel. *Placita enim erae Deo anima illius.* Sobre este fundamento intento discursar alguns assumptos; porem he difficultoso querer tratar da morte sem ter quem da morte tenha experiencia pera nos ensinar. Mas de S. Bernardo nos consta q̃ ninguem experimentou melhor na vida seus rigores, do q̃ a Virgẽ santissima S. N. *Quasi mortua uiuens, uiuebat moriens, moriebatur, nec mori poterat.* Pois esta Senhora he tam grande Mestre na materia da morte, della procuremos o fauor pera o que dissermos. AVE MARIA.

Serm. de
laments.
Virg.

O saber agradar cõ virtudes, & merecimẽtos, he o mais certo empenho de alcançar beneficios, assi disse Cassiano: *Gratiã Principis nuda voluntas non asserit; sed promerendo prouocat.* O q̃ eu declaro com aquelle termo q̃ teue meu Padre Eliseo cõ o Patriarcha Elias. Diuidio os o carro triũphal do fogo leuando ja pellos ares ao santo Padre: eis q̃ o Propheta clama *Pater mi, Pater mi.* 4 Reg. 2. Que misteriosa repetiçãõ he esta, nãõ bastaua hũa vez chamarhe Pay, o Patriar.

triarcha tanto não ouuia? O discipulo não significaua seu affecto bastatemente; pera q̄ duas vezes Pay, & duas vezes meu? S. Ambrosio. Como o Propheta Eliseo trataua de empenhar ao Patriarcha em lhe dar dobrado espirito de Pay, quis agradalo cō mostrarlhe dobrado affecto de filho repetindo duas vezes Pay, & duas vezes meu. Isto v̄ a ser: *Facit cū meritis suis plus perstare.* De modo q̄ o bõ agrado foi janelado pera o beneficio. Este mesmo dezenho vemos ter as deuotas irmãas de Lazaro Martha, & Maria, viaõ a seu

irmão enfermo de doença graue, as medicinas não obravaõ, os accidentes da morte ameaçaõ; trataõ de buscar o verdadeiro Medico Christo Iesu, mãdaõlhe auizo, chega o pagẽ, abrese o escrito; não cõtinha mais q̄ estas palauras:

Ioan. 12. Ecce quem amas infirmatur. Ioan. 12. Quem amais está enfermo. Pregunto, este enfermo não tinha nome? Não era irmão de Martha, & Maria- Não era discipulo de Christo? Pois qualquer destes apellidos não era bastante pera se nomear? Todos se calaõ, & só se apontaõ quem amais? Diruoshei como ja tratavaõ de cõ grande afincõ alcãçar de Christo o q̄ pretendiaõ, não fizerão tanto caso do que deuia a Lazaro como discipulo, quanto do q̄ elle lhe agradaua como amado: *Ecce quem amas.* Deixando em silencio o mais, & sò lhe propondo o muito q̄ lhe era agradauel, pera q̄ esse agrado obrigasse a Christo a vir, & saralo. Tal termo vemos vzar a diuina Sabiduria cõ hũa alma, q̄ lhe he agradauel desapressa á dos tumultos do mundo com hũa boa morte (como diz a Glossa) tirãdoa dos laberintos, & trafegos deste seculo: *De medio iniquitatum.* Porq̄ assi o pe dia o muito q̄ lhe agradaua. *Placita enim erat Deo.* Que o saber agradar com meritos empenha a beneficios.

Tal vemos vzar à Diuina Mageftade com a alma da
Sereniffima Infanta Ioanna, foi alma que agradou a Deos
com feus procedimentos, & virtudes, como tal a defapref
sou das misérias defte mundo, fazendolhe o beneficio de
a aliuiar do meyo dellas: *De medio iniquitatum*. Pois fazer
morrer he beneficio? Si, que a gloria de hũa morte boa, he
premio de hũa vida fanta. *Mortuus est Moyses seruus Domini*
in terra Moab iubente Domino Deus 54. Morre Moyses á en
trada da terra de promiffaõ, & eftando ja à vifta della, pois
não parecia posto em razão, q̃ ja que Deos N. Senhor deu
a ver a terra de promiffaõ a Moyses o deixaffe governar
nella, mayormente quando tinha governado cõ tanta fa-
tisfação, mostRANDOSE pessoa de tam grande talêto, assi no
tocante da hõra de Deos, como na direcção, & governo
prático daquella gente em muitas cousas tam defarrezoa-
da; não fora bõ, q̃ hũ capitão, q̃ governou ateli, governasse
dali por diante? Neste caso vejamos as Versoẽs, porq̃ nos
dizem, que aqui Moyses morre nos braços de Deos: *Mor-
uus est Moyses in amplexu Domini*. Encostado ao peito de
Deos, & junto com Deos, rosto com rosto: *In osculo Domini*.
Pois morte tam gloriosa bem mostra que nunca Moyses
ouuera de lograr tanta honra governando, quanta a gloria
nos braços de Deos morrendo. Seja pera Moyses melhor
morrer antes que governar. Tal gloria podemos aplicar
a esta Sereniffima senhora, morreo nos braços de Deos,
porque morrêo de hũa doença, que Deos costuma dar
àquelles a quem abraça, & a quem tem em fuas mãos, que
são os predestinados. Morreo nos braços de Deos, porque
morreo recebendo os Sacramentos, recebidos tanto a seu
mpo, & com tanta preparação, & deuacão. Morreo

1104

Deus, 54

7

tambem nos braços dos senhores Reys seus Pays, & dos senhores Principe, & Infantes seus irmãos, que não foi consolação pequena. *Mortuus est Moyses in amplexu Domini.* Alcançando mayor gloria morrendo, do que a que pudera possuir viuendo, porque viuendo tora hũa Infanta, mas morrendo foi hũa Princeza, pello modo com q̄ Christo foi Principe: *Factus est Principatus super humerum eius.*

Isai. 9. Apláude o Propho. a Isaias o Principado, que auia de ter Christo por nosso bem, & diz, que o auia de leuar sobre seus hombros. Cumprindose depois esta profecia, vemos darlhe satisfação Christo com a Cruz às costas; pois que he isto? Cruz às costas he insignia de Principe.

Chamaralhe eu de penitente, ou de homem que padece, & não que manda. Notai agora o que aqui diz S. Paulo: *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis.* ad Phil. 2. Aquella Cruz foi o instrumêto declarador de Christo obediente, & esta obediencia de Christo lhe deu a Magestade de Principe: *Factus est Principatus super humerum eius.*

Pois se a obediência faz Principes, como vemos em Christo, esta mesma fez esta senhora Princeza, pois não fez na vida outra cousa mais senão viuer, & morrer á obediência dos senhores Reys seus pays: *Facta est obediens usque ad mortem.* Foi logo Princeza pello modo cõ que Christo foi Principe; de maneira que se esta senhora viuera possiuel seria vir a ser Princa, gouernar Reynos, & Estados, como pudera em qualquer dos da Europa, ou nos Reinos de Frãça, ou nas Ilhas da grande Bretanha, ou nos Potentados de Italia: neste caso seria Princeza como as outras senhoras, mas morrendo á obediencia foi Princeza pello modo q̄ Christo Principe: *Factus est Principatus super humerum eius.* Morte

pois tão bem allombrada, co' razão lhe podemos chamar
Beneficio, que soube morrer sabendo agradecer a Deos cõ
suas virtudes: *Piacita enim erat Deo anima illius.*

Properavit.

Não só esta senhora foi Princesa, mas Pregadora, & Do-
ctora, q' nos ensina as variedades, reuoluções, & incõstâncias
desta vida, as quaes verã claro quẽ as olhar como à de ser,
como viraõ aquelles olhos alumiados por Christo. Deu-
elle vista a hũ cego, ao qual pregãdo lhe q' via, respõdeo,
q' via os homẽs passear como arvores: *Video homines velut ar-
bores ambulantes.* Mar. 8. Pois não achou este cego outra cõ-
paraçãõ pera cõparar os homẽs? Não dissera, vejo os ho-
mẽs como colunas andar. Notou S. Pedro Chrysol. ser.
186. *Post curã Christi viderat quod homines velut arbores transiret &
in hoc seculo non manerent.* Vio q' os homẽs não eraõ homẽs q'
andauaõ, eraõ folhas q' se mouiaõ, porq' tudo o do mundo
olhando cõ olhos alumiados por Christo, sãõ folhagẽs, as
riquezas, as tellas, & brocados, as joyas, & diamantes, tudo
folhagẽs; as amizades, as correspondencias, & os primores.
Homines velut arbores. As hõras, as priuãças, as dignidades, cõ
tudo mais q' depende de homẽs: *Homines velut arbores.* E se-
quizermos leuar isto aos Reinados, & Imperios veremos
serẽ ainda menos q' folhas, o q' nos manifesta aquella grã-
de estatua q' vio Nabuchodonosor, a cabeça parece q' que-
ria tocar nas estrellas, os braços nos orizõtes, & o aspecto
terribel, & logo em breue espaço se tornou em hũa peque-
na faisca: *Redacta est quasi in fauillam.* Deut. 2. Agora he de sa-
ber como cahio esta estatua sem se verẽ os pedaços della
tanta quãtidade, tãtos metais, tãto ouro, tanta prata? q' foi
feito disto? Não nos diz mais o diuino Texto, senão que se-

3107
tomou em sua faulca. Aqui vemos hũ rescunho das grãdes
estatuas deste mundo, os Reys, & Monarchas q̄ alsõbrã-
raõ os Imperios cõ sua grãdeza: q̄ he feito do Imperio do
Egypto, da grãde Asia, de Persia, de Grecia, & de Roma?
q̄ he feito dos Emperadores, os Darios, Alexandres, Anta-
xerxes, Cõstantinos, Cesares, & Augustos; q̄ foi feito disto?
In fauillam. Em q̄ parãraõ os Capitaẽs, q̄ leuantãraõ seu no-
me sobre as azas da fama, os Hercules, Heytores, Anibais,
Agamenones, Ajaces, Achilles, cõ os Pirrhos, & Scipioẽs?
q̄ he feito de seus lauros, Palmas, & Coroas? *In fauilla.* Que
he feito da Magestade dos senhores Reys de Portugal, os
Manoẽs, Duarte, Fernãdos, & Dionisios: *In fauilla.* Aonde
estã a grãdeza dos senhores Duques de Bargaça, os Affon-
so, Iaimes, & Theodosios? Ia hoje a morte os tẽ reduzido:
In fauilla. De todas estas faiscas estã esta senhora feita prẽ-
gadora fazẽdo pulpito daquella essa, & dizẽdo, eu que fui
herdeira destes Principes ja como elles a morte me tẽ re-
duzida no mesmo estado, & ainda cõ mais breuidade ãtre
dezasete pera dezoito annos me cortou as esperanças do
estado as Coroas, que pudera ter, apressãdose pera mostrar
q̄ tudo da vida passa depressa. *Properauit, properauit educere.*

Dè medio iniquitatum.

O chamar a diuina Sabiduria a este mundo, aõde tãtos
a chaõ descãfos, & delicias, Theatro de maldades, me decla-
ra outra mercè, q̄ Deos fez a esta senhora, tirala q̄ não vis-
se o mũdo, aonde tãtas miserias ha q̄ ver: *De medio iniquita-
tũ.* Mercè foi esta q̄ ja fez a el Rey lozias, em tempo q̄ em
sua Republica auia muitas miserias, como nos cõsta: *Colligã-
te ad Patres tuos, & colligeris ad sepulchrũ tuũ in pace, ve non videãt
oculi tui omnia mala.* 4. Reg. 22. Manda q̄ se recolha á sepul-

tura. pera q̄ não veja tantos males quatos tinha q̄ vem ois
p̄tegunto, não avia outro retiro menos horrído, q̄ hũ sepul-
chro: Respõde hum moderno docto: *Dulcor fuerat sepulchri
requies, quã suorũ calamitates sustinere.* Mais suaue lhe foi estar
em hũa sepultura morto, do q̄ vet tantas cousas, que cada
dia o fazião morrer. Tal he a condição deste theatro de
miserias, pois nelle não viue quẽ viue como deue, senão
viue como quer. O q̄ se deixa ver naquella Põba, & Cor-
uo, q̄ despedio da Arca o Patriarcha Noê, sahẽ ambos voã
do, & a põba torna a voltar dãdo a escriptura por razão, q̄
não achou aõde p̄r pè: *Qua cum non inuenisset vbi requiesceret*
pes eius reuersa est ad eũ in arcã. Genes. 8. Agora argumento
affi: o Coruo não he auẽ mais pesada que a Põba, não ne-
cessita de mais em que seus pès fação escora, do que a Põ-
ba, que por leue qualquer raminho em que pousar lhe bas-
taua? Pois ella como torna, o Coruo como fica. Não ne-
cessitamos aqui de Escrip̄turarios, que nos soltẽ o argumẽ-
to, porque verdade he q̄ os pès do Coruo tẽ grãdes vnhas,
& neste mundo sò sabe ter descanso, quem sabe ter vnha.
Vnha pera agarrar o alheo, pera tirar a capa do pobre, pe-
ra furtar o seu a seu dono; pois não torne o Coruo, q̄ achou
muito em q̄ se seuar; porẽm a põba, que avia p̄r os pès sin-
gelamente não achou aõde p̄r pè; que não acha aõde
p̄r pè quẽ ha de p̄r o p̄r direito, nẽ quẽ ha de p̄r o pè
senão aõde faça pègada, & por isso não achou aõde descã-
sar: *Vbi requiesceret pes eius.* Porem a fermosa põba de nol-
sa Serenissima Infanta como nesta vida avia de p̄r pè di-
reito nas virtudes, não achou no meyo de tãtas maldades
aõde firmar o pé, recolhe se à Arca da sepultura: *Reuersa est
in arcã.* E não sòmente foi p̄ õba na singeleza, senão tãbẽ

Genes. 8.

nos desejos de voar como ella. Como o tanto Rey David
d. sejaua. *Quis mihi dabit pennas sicut columba, volabo, & requiescam.* Plal. 54. Tal esta senhora nas intercadencias, & rigores de sua infirmitade, chegou por vezes (segundo me disserão) a estar cõ Christo crucificado em seus braços, & como lho tirassem, porq' o rigor do accidente passaua, respondia acabando os amorosos colloquios. Ha Senhor, ainda não sois seruido. *Volabo, & requiescã.* E tambẽ no discurso da vida mostraua ser cõ o Põba sã fel, q'de todas as doçuras da oração mental era sollicita, tendo noticia, q' o Serenissimo Principe seu irmaõ era mãcebo dado a ella, & segũdo ja dissemos. *Ermo de contemplar fazia o Paço, & como não pudesse frequẽtemẽte tratalo, escreuia lhe de seu quarto escritos, pera q' a informasse dos sãtimẽtos, suauidades, & jubilos, q' em sua oração, & recolhi mẽto recebia. Estes erã os vilhetes de amores q' esta espiritual amãte, esta vãturosa Põba mãdaua, vèdole claro o como não trataua nada deste mũdo, & mais a grãde mercè, q' o Senhor lhe fez è a liarar deste laberintho de maldades. *De medio iniquitatũ.**

Tambem me referiraõ ser esta senhora notauelment' affeiçoada a Rosarios, & Contas, Coroas, & Camaldulas, de modo q' quem lhe offerecia hũ ramal destas contas era a mais preciosa joya q' lhe Podiaõ trazer; & assi destas prendas lhe achãrãõ grãde quãtidade. Duas consequencias faço deste ponto: he a primeira, q' se aos mundanos se diz, larga cõta q' dar do tempo largo; esta senhora não teue larga cõta q' dar, senãõ largas contas, q' rezar, & estreito tempo em q' viuer, de q' lhe podemos dar os emboras, como o Esposo santo daua a sua querida Esposa quãdo a cõtemplaua. Hũa fermosa torre de q' estauãõ pẽdurados mil
escudos.

Escudos. *Sicut turris. Dantia columnarum miti Clypei pendae ut l. x.*
Cant. 4. Aonde reparo em os escudos, que seu lugar he
serem abraçados, & não pendurados. Pera q se rodea
a torre destas armas defensivas? Satisfazme à duvida o
doutissimo Corn. à lap dizendo, q quis mostrar-se defendi-
da antes de combatida. *Tanti reboris est virius tua, ut arcem*
pudicia muniat ac tueatur; hostibusque horribilis. Tal podemos
applicar a esta deuota alma; cuja vida não constou mais q
de sua mininice, & de sua infirmitade; donde podemos cõ-
jecturar, que primeiro que as tentações a combatessem, q
os appetites disparassem frechas, que as ocações a pontal-
sem balas, ja esta fermosa torre estaua ornada, & guarneci-
da; cõ Rosarios, que pendiaõ de seus hombros, de seus pei-
tos, & de suas mãos. *Nilla Clypei pendente ex ea.* A segunda cõ-
sequencia he que tais prendas mostraõ ser esta senhora
deuotissima da sagrada Virgem Mãe de Deos, a qual deua-
ção não foi sò nella exercitada, mas herdada dos dous Se-
renissimos Principes seus auõs el Rey D. Ioaõ o primeiro,
& o senhor Cõdestauel D. Nuno Alures Pereira, & della
podemos cantar como là o Poeta: *Et Pater Aeneas, & A-*
nunculus excitat Hector. Porque estes dous Principes se ircli-
naraõ na deuação da Virgem S. N. com tanto empenho,
quanto mostraõ os dous tropheos dedicados a esta Senho-
ra, ambos pella mesma traça, hum em a Batalha a Virgẽ
Senhora da Victoria, a outro, este em que estamos, a Vir-
gem Senhora do Vencimento. Taes templos edificara se-
cõtegara a ter estado, & thelouros, mas como não abraço
a tanto, podemos dizer della aquillo q disse Plinio: *Nilla*
litant, qui non habent thura. Offerece pouco quem não tem
possibilidades pera muito. Grandezas fizera esta senhora

Cornel.
lap.

Encl. 122

em seruiço da Virgem Mãe de Deos se tivera cabedal pe-
ra isso; edificara templos como as senhoras Infantas suas
predecessoras. A senhora Infanta D. Maria edificando a
Real Capella de N. Senhora da Luz. A Infanta D. Britis
o grandioso Conuento da Conceição na cidade de Beja.
A Rainha D. Leonor o Mosteiro da Madre de Deos desta
cidade; porem em quanto não pode manifestar este amor
o fazia com o pequeno empenho dos sanctos Rosarios.
Mella litant, qui non habent chura.

Obrigados pois nós a hũa senhora tam deuota da Mãe
de Deos por professarmos ser filhos seus lhe fazemos estas
ho. iras, & não sò por este respeito, senão por outros mui-
tos, que aqui concorrê de affectos, & parentesco, os quaes
a modestia Religiosa não deixa manifestar. E lhe pode-
mos dizer: *Sua enim sunt omnia.* Como Deos disse a Moyses,
Exod. 13. *Mea enim sunt omnia.* Exod. 13. E assi tudo o q
fazemos he seu, & he do seu, sua he a machina deste tem-
plo, sua aquella Capella mayor, seu aquelle jazigo, seu he
este Conuento; pois os edificios delle primeiros, & mayo-
res fez seu tio el Rey D. Ioão o III. como se vê nas quinas
Reaes postas nos tectos, & portas delle, seus somos todos
nós por ser filha del Rey D. IOAM o IV. nosso Senhor,
com quem temos tantos liames de amor. *Sua enim sunt om-
nia.* Que a termos mais possibilidade, & mayor cabe-
dal lhe leuantamos mayores tumulos, & titulos dos
que Iacob a sua Rachel no caminho de Bethlem; mais
sumptuosos mausoleos do que Artemiza às cinzas de seu
marido, mais soberbos piramides do que os Egypcios le-
uantaraõ a suas memorias; mais altos obeliscos, colunas,
& esta-

estatuas de bronze, do que os Romanos a seus genero-
 patricios. Viraõse em alto mayores marmores, & nel-
 entalhados mais elegantes epitafios, do que os Gregos
 zeraõ a seus Heroes; mas pois não abrangemos a mais
 supra, como disse Seneca: *O, Dantis voluntas*. Pello que
 vòs verdadeiros Portuguezes, & leais vassallos escreuei em
 vossos coraçoes, como em Cypos diamantinos, a eter-
 na memoria desta Serenissima senhora, que he o que o
 sancto Esposo tanto recomendaua. *Pone me ut signaculum*
super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum, quia fortis,
ut mors dilectio. Cant. 8. Porque se a morte gera esqueci-
 mentos: seja mais forte o amor pera perpetuar lembranças;
 que tragaõ sempre este amor. *Super cor vestrum*. E
 vòs, ó esclarecida senhora, que com vosco quero falar a-
 gora na presença deste tumulto, que reueitado de alegria
 faz hũa breue cifra de vossa fermosura, com essa Real Co-
 roa representadora de vossa grandeza, que assi o fez Sam-
 Ioaõ Damasceno, quando hũa vez se pos a falar com hũa
 sepultura de pedra, como elle disse: *Tecum enim loquar tan-*
quam cum animato. A vòs Serenissima senhora dou os em-
 boras de ja logardes triumphante capella de rozas, &
 açucenas, & assistindo ja na Diuina presença de Deos
 (digo o que cuido, que eu não sou Pontifice, que canoni-
 zo Sanctos) embora vos seja a occasiaõ de vosso felice
 transito, pois em tempo, que o Reyno mandou Procuro-
 dores às Cortes, às Cortes vos mãdaraõ por Procuradora à
 gloria. Pois alto, generosa Procuradora da Corte da glo-
 ria, sollicitai com cuidado o emparo, & conferuação de
 nosso Reyno. Que fora do Reyno Hebreo se não iue-
 ra por Procuradora a Rainha Ester diante de Assuero, a
 qual

Cant. 8.

De dor-
mit. Vir-
gin.

qual

qual lhe pedia por seu pouo. *Da mihi animam meam pro-*
rogo, & populum meum pro quo obsecro. Ester. 7. O rogar por
 vossa alma corre por nossa conta, mas o rogares por nõ
 corre pella vossa. Pedi á Diuina Magestade a exaltação
 de nosso Reyno, a paz com os Rêynos vizinhos, & no
 entre tanto o valor de nossas armas, a fortificação de nos-
 sos portos, a segurança de nossas frotas, & a defensão de
 nossas fronteiras, & sobre tudo a paz geral entre todos,
 porque em quanto vós lá descansaes em paz, nós cá
 tenuamos paz com que descansemos; a
 qual he a diuina graça, & a
 eterna gloria.

Amen.

L A V S D E O.

Está conforme cõ o original. S. Domingos da Lisboa,
 27. de Janeiro de 1654.

Fr. Fernando de Meneses.

Póde correr. Lisboa 27. de Janeiro de 1654.

Pero da Sylva de Faria. *Pantaleão Rodrigues Pacheco.*

Fr. Pedro de Magalhães. *Diogo de Sousa.*

Taixaõ este Sermaõ em hum vintem. Lisboa 28. de
 Janeiro de 1654.